

# VIAGEM NO TEMPO: A PROPÓSITO DE ALGUNS BAIRROS DE CAMPINAS

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Há cerca de doze anos, como parte de projeto interdisciplinar financiado pelo CNPq, venho pesquisando a *História de Alguns Bairros de Campinas*, cidade do interior paulista, atualmente MetrÓpole, já com um milhão de habitantes.

Concluídas já foram as pesquisas desse projeto sobre os bairros Cambuí e Vila Industrial: o primeiro deles, desde sua origem considerado como bairro de elite e, o segundo, também a partir de seus primórdios (1900), conhecido como bairro proletário.

Já nesses últimos três anos pesquiso (vale lembrar que coordeno a parte histórica desse projeto desde seu nascimento) bairros anteriormente (final século XIX até meados da década de 1990) conhecidos como espaços negros da cidade e que hoje se transmudaram: *Ponte Preta, Vila Marieta, Vila Costa e Silva e Vila Rica*. E são justamente os dois primeiros bairros que apresento no momento (principais resultados), uma vez que os dois últimos deles estão ainda em fase de pesquisa, salientando, como experiência primeira para a equipe, a implantação de *Oficinas* (informática, hip-hop, memória histórica, fotografia, cidadania, história oral -nesse primeiro momento) para jovens da Vila Costa e Silva que se encontram fora da vida escolar.

Um dos principais objetivos é o retrair crítico das diversas relações que permeiam o meio social em que tais espaços se formaram e evoluíram. O acesso às fontes principalmente, a fim de ser possível reconstruir um panorama sócio-histórico-cultural que possibilitasse a constituição/evolução da trajetória da população de origem africana na cidade de Campinas, localizadas nesses bairros formados espontaneamente

e/ou planejados, não foi fácil pelas mesmas dificuldades que o historiador encontra em alguns de nossos Arquivos: reformas, ausências de funcionários...

O que inicialmente me chamou a atenção, pela significativa transformação da vida numa época em que o comportamento urbano é abalado não só por mudanças políticas como também religiosas, culturais, tecnológicas, sexuais, entre outras, foi o fato da sociedade contemporânea cultivar a eficiência e estar a exigir do indivíduo, principalmente da grande cidade, cada vez mais a informação, o conhecimento e a tecnologia, mas, descuidando-se da violência, da pobreza e da miséria, que acabam por tirar-lhe a perspectiva da almejada liberdade e deixá-lo sob a égide do medo e da insegurança.

O habitante das Metrôpoles - caso da cidade de Campinas -se vê diariamente informado de tudo o que se passa em sua cidade e no mundo em geral, de modo completo e imediato, dada a multiplicidade e eficiência dos meios de comunicação da era tecnológica que aumentaram o lastro de conhecimentos do cidadão, relativamente aos  *fatos* de sua cidade, mas, por outro lado, aumentaram também sua capacidade de  *isolamento* e  *indiferença* enquanto cidadão. Fica-lhe a tentação de permanecer em casa, de se desinteressar pelos destinos da cidade que acabam por ser entregues a grupos especializados ou diria mesmo oligárquicos, sem a participação direta da maioria da população cidadina. O que em verdade poderia servir de aglutinação das populações urbanas contribuiu, paradoxalmente, para um resultado oposto - o isolacionismo dos bairros e mesmo das residências individuais e coletivas das periferias - aliás, já uma tradição herdada da política habitacional das massas de meados do século XX. E tal isolacionismo espacial e o indiferentismo psicológico cresceram na proporção direta do tamanho das cidades. Foi o que acabei por constatar nesses bairros objetos da presente pesquisa<sup>1</sup>.

Já de início enfatizo que ao construir a visão espacial desses bairros, sempre levei em consideração que esta recai não apenas no

---

<sup>(1)</sup> É oportuno lembrar que para o conceito de bairro levei em conta sua base territorial além do sentimento de localidade e pertencimento que perpassa muito mais os intercâmbios entre pessoas do que a posição geográfica, ou seja, a  *porção de terra em que os seus moradores têm a consciência de a ela pertencer*, o que acaba por formar certa unidade diferente para cada espaço cultural.

concreto, mas também, em noções abstratas de codificação sócio-cultural, apoiadas no viver cotidiano de categorias espaciais (ruas, praças, igrejas, armazéns...), espaços esses que assumem significado por sua própria vivência.

Por isso, ressalto também a presença de uma relativamente forte identidade entre símbolos e a população que os produziu - sobremaneira no bairro Ponte Preta - fruto da construção de uma antiga identidade efetuada ao longo da produção da vida em comunidade no bairro (hoje não mais presente), e matriz geradora de toda uma simbologia mais ou menos presente até o momento atual.

Na verdade, com a rápida transformação da vivência urbana nesses dois espaços a partir do período 1950/70, as significativas modificações e redefinições deles, o deslocamento da população negra que antes habitava o Centro da cidade em cortiços, ou modestíssimas habitações contíguas, acabou por influir na maneira como seus moradores passaram a entender e vivenciar esses espaços até porque, a partir dos anos 70, foram deslocados para outras periferias da cidade em busca da casa própria - ideal máximo de então - com a atuação da COHAB/BNH e toda uma política dos Governos Federal, Estadual e Municipal interagindo nesse sentido.

Levando-se em consideração que a cidade de Campinas desde o final do século XIX foi caracterizada por um processo de urbanização no qual se acomodaram as estruturas agrárias da família patriarcal, escravocrata e latifundiária com os componentes de uma comunidade atendida por vários serviços urbanos, destacando-se, entre outros, as ferrovias, a iluminação a gás e a água encanada, é claro que alguns desses serviços vieram a modificar os mecanismos de controle social, pela participação dos elementos urbanos e das *categorias não comprometidas com o sistema*<sup>2</sup>. Isto significa dizer algo que, a princípio, poderia ser entendido como sendo urbano e rural e que não se antagonizou; antes, compôs um mundo local onde foram moldadas tensões afloradas no contraditório mundo latifundiário/preconceituoso/cafeicultor da cidade. Mas, na verdade, uma nova ordem sócio-político-econômico-cultural implantou-se a partir das

---

<sup>(2)</sup> Sobre o assunto consultar, entre outros: VIOTTI DA COSTA, Emília *Da Senzala à Colônia*. São Paulo, Difel, 1966, p.430 e segs.

décadas de 1920/30, com o desgaste do poder da elite cafeeira paulista, inaugurando-se assim, a chamada *República Nova*, marcada pela industrialização induzida pelo Estado. E, Campinas teve também significativo destaque nesse momento, com o crescimento da indústria têxtil, mesmo porque, com a decadência da cultura cafeeira, a cultura do algodão foi uma das alternativas buscadas, a saída paralela encontrada para o ascender industrial. Assim, por exemplo, após a publicação da Resolução Municipal 606<sup>3</sup>, foi instalada na cidade a fábrica de tecidos elásticos (a primeira da América Latina) da empresa Godoy & Valbert, localizada nas cercanias do bairro Ponte Preta, permitindo não apenas a substituição das importações de tecidos elásticos, como oferecendo inúmeros empregos à população da área central e do bairro negro e pobre da Ponte Preta.

Pelo que observei durante as entrevistas nesse bairro, desde os anos de 1930, a situação social de *inferioridade* do negro em relação ao branco já parecia estar fixada na mentalidade popular, muito embora poucos reconhecessem a existência de uma prática racista, pois, de fato, esta foi exercida de forma dissimulada pela sociedade a tal ponto que os remanescentes negros ainda hoje lá existentes (em pequena minoria), não chegam a reconhecer que o deslocamento da população negra para as áreas periféricas da cidade, por determinação da administração pública, caracterizou um racismo espacial e também ocupacional na medida em que abriu lugar à entrada de novos contingentes de brancos (sobretudo imigrantes italianos e migrantes mineiros nesse primeiro momento).

Outro aspecto a ser destacado é a persistência ainda do ideal de branqueamento, ou seja, o aproximar comportamental e cultural do homem branco. Quase todos os entrevistados negros (idosos) disseram: *para o negro ser bem aceito pelo branco até hoje, ele tem que estar muito bem vestido, limpo, cheiroso, saber falar bem e não polemizar.*

Cumpra salientar que as entidades negras da cidade acabaram por demonstrar um desejo comum de integração do negro ao conjunto da sociedade, principalmente através do reconhecimento da nacionalidade brasileira. Mas, por outro lado, existe nessa comunidade o princípio da

---

<sup>(3)</sup> CAMPINAS, CÂMARA MUNICIPAL. *Arquivo, Ofícios, Resoluções*, dez. 21, 1920.

hierarquização da inferioridade racial, pela qual o mulato e o pardo assumiram uma posição privilegiada em relação ao negro.

Todavia, por outro ângulo, esses depoentes não vêem atuação positiva no Movimento da Juventude Negra da Cidade, acreditando ser ele de muita *falação e barulho* somente à época de eleição e, após ela, se torna inoperante. Realmente pude observar que embora o negro jovem tenha hoje um amplo *papel* em sociedade no sentido de derrubar as barreiras do preconceito étnico a fim de garantir maior igualdade de condições entre brancos e negros, destacando-se nessa luta a atuação de movimentos como o Hip-Hop e o da Juventude Negra, notei que nesses movimentos a preocupação em recuperar o passado da comunidade negra de forma a mais imparcial possível e sistemática, praticamente inexistente. E quando tal preocupação aparece, ela se retrata apenas na recuperação de fatos isolados que buscam intensificar a construção de uma identidade étnica, o que acabou, em Campinas - sobremaneira nesse bairros estudados - afastando a parcela mais idosa dessas comunidades, não apenas por organizar eventos que visam atrair apenas a juventude negra, mas também porque não luta pela integração dos mais idosos nesses movimentos de resistência negra.

Dáí se compreender o porquê dos negros idosos confundirem tais movimentos com arruaças/badernas. Qual seria, foi o que me indaguei e à equipe, a razão para tal distanciamento entre gerações diferentes? Pareceu-me que uma das respostas pudesse residir na própria condução de vida tomada por elas: os mais velhos, ainda fortemente influenciados pelo ideal de branqueamento e da necessidade em continuar adotando o discurso do branco para ser aceito em sociedade, enquanto as gerações mais novas, com maior acesso aos meios da educação formal e não-formal, acabam por formar uma identidade e consciência mais realistas, adotando uma posição de contestação e lutando pelos seus direitos de igualdade.

Como o foco principal da pesquisa não era este, tive a oportunidade, no entanto, de encontrar mais um outro caminho a fim de poder também trilhá-lo e trabalhar com essa temática, alicerçando outras fontes de dados para tentar responder o mais objetivamente a essas duas formas de pensamento distintas (no momento é o que analiso).

Não é difícil se compreender a maneira também como os negros entendem a violência e a ação policial quando consideramos que a ação

policiadora da sociedade branca sempre foi constante na vida dos negros: de início, efetuada pelos proprietários de escravos, onde a vigilância e a opressão ao negro passou a ser tratada como *caso de polícia*. Dessa maneira a circulação de negros livres pelas ruas da aristocrática Campinas de século XIX despertava na população branca não apenas o temor de uma insurreição como a própria intolerância e preconceito dos brancos.

Mesmo após a Abolição da escravidão a ação opressora da polícia contra os negros permaneceu em atividade (se bem que não de forma institucionizada como anteriormente). E mais ainda: até a primeira metade do século XX também a repressão às atividades culturais da comunidade negra em Campinas foi evidente: capoeiras e bailes eram constantemente violados pelo poder público.

Por outro lado, a violência foi também manifesta por seus membros no interior das próprias famílias negras, na tentativa de resolver conflitos domésticos pela força física.

Com isso, o medo pela crescente violência urbana, os levou a cada dia a se isolarem mais e mais em suas casas, conforme os depoimentos prestados pela totalidade dos entrevistados.

Embora outros aspectos tenham sido considerados ao longo da Pesquisa a fim de melhor poder entender que tipo de identidade se estruturou para os negros, e foi/é vivenciada por eles nos bairros ora enfocados, aponto que seja uma espécie de território imanente onde ainda restam alguns valores da cultura afro-brasileira, mas onde a influência da cultura branca de massa<sup>4</sup>, tornou-se inevitável.

Há de se compreender que, com a segregação econômica imposta aos negros pela ordem capitalista que demorou a ser reabsorvida ao novo sistema de trabalho à época da Abolição, após ela, quando foram os negros delegados às profissões mais desqualificadas e humildes, evidente que a segregação ocorreu, associada à social<sup>5</sup> e as periferias

---

(4) Sobre o assunto ver, entre outros trabalhos: MENEZES, Eduardo D.B. "Eliteloire versus folclore, ou de como a cultura hegemônica tende a devorar a cultura subalterna". In: *CADERNOS CERU*. São Paulo, 1982, nº 17, p. 09/14 e A.E.T.T.M. *Identidade Negro e Religião*. São Paulo, Ed. Liberdade, 1986, p. 15 e segs.

(5) É Interessante a abordagem sobre tal problemática feita por SANTOS, Milton. *Manual de Geografia Urbana*. São Paulo, Hucitec, 1981.

acabaram por se transformar em seus *redutos*, locais que sofreram/em, portanto, não apenas discriminação social, mas também, isolamento econômico.

Acreditando que memória e identidade estão intimamente vinculados, a pesquisa realizada nesses dois bairros de Campinas, levou-me a sentir, ao confrontar os vários depoimentos tomados, que houve nos mesmos como que uma diretriz comum a evidenciar que nesses relatos de vida dos antigos moradores desses bairros ocorreu uma reconstrução da identidade de grupo e não apenas relatos factuais, pois, o informante ao reconstruir sua vida passada, acabou por definir sua própria identidade.

É sempre significativo para o historiador captar os valores coletivos, pois, fornecem elementos históricos vigentes na região, apesar de serem concentrados, muitas vezes, em suas imagens. Por isso ser o misticismo do povo sempre um alerta ao estudioso, uma vez que muitas de suas peças, das figuras, representam manifestações no ambiente e que acabam, quase sempre, repercutindo na pesquisa. Da mesma forma as tensões sociais, pouco ou quase nada documentadas foram captadas pelos depoimentos, constituindo-se em fontes de esclarecimento, uma vez que uma pesquisa histórica não pode ser baseada apenas em fontes tradicionais por não alcançar um entendimento completo do quadro cultural que lhe serve de pano-de-fundo.

Saliento também que, ao tentar reconstruir a formação de identidades nesses dois bairros não percebi um sentimento de pertencimento entre os poucos moradores negros ainda residentes tanto na Ponte Preta quanto na Vila Marieta que sentissem *orgulho* de pertencerem a tais espaços. Antes, o que lhes restou foi o sentimento de sofrimento dos negros, advindos da época da escravidão, onde grande parte dos entrevistados revelou ter sido Campinas o reduto do Brasil onde os castigos foram os mais violentos imprimidos aos de sua gente e cujo sofrimento prosseguiu com a discriminação/racismo até hoje sentido por eles (o que me levou a inferir que a imprensa carioca de final do século XIX, ao afirmar ser Campinas a *Bastilha Negra*, conseguiu passar através do tempo essa imagem de cidade mais cruel do país no tratamento e nos castigos infringidos aos negros).

Por outro lado, ao reconstituir a história cotidiana desses espaços até a atualidade a fim de retratar as múltiplas modificações que

a partir dos anos 1950 transformaram radicalmente tais setores de Campinas, senti forte desvinculação desses indivíduos com tais momentos havendo apenas a lembrança de *como antes era melhor que hoje* (um dos resultados da forte troca populacional entre bairros sofrida por eles em sua história mais recente), a ponto de não reconhecerem mais os bairros como se encontram atualmente, ou seja, ocupado pela classe média operária - na Ponte Preta - e média para alta, na Vila Marieta.

Não poderia deixar de rever, a partir das observações participativas, o trabalho de Carlos Fortuna que, apoiado em Freud e Foucault, com propriedade diz que os

*“sujeitos atuam de acordo com suas competências identitárias, diferentemente do que sucedia na pré-modernidade, não sendo mais estas estáveis e rígidas, mas, transitórias, plurais e auto-reflexivas, sendo objetos de escolhas, feitas de acordo com a própria percepção da estrutura de relações sociais... frente a crescente complexificação das sociedades, onde a identidade moderna mostra-se contingente e remete-nos a uma estrutura pessoal, afetiva e cognitiva que é progressiva e continuamente (re) construída pelos sujeitos”<sup>6</sup>.*

Assim sendo, nesta pesquisa, constatei diversos tipos de identidade, elaborados por sujeitos descentrados, cuja identidade é plural, que se desloca frequentes vezes, onde as novas identidades, bastante fluídas, são reafirmadas como respostas as suas marginalizações de vida o que acabou, no hodierno, por alterar seu cotidiano.

A busca do passado pouco importa à comunidade que aspira por sua ascensão social, sendo que os negros idosos ainda lá remanescentes continuaram a incorporar e propagar o ideal do branqueamento. Talvez por isso mesmo, nem todos os moradores desses bairros (notoriamente da Ponte Preta) foram muito receptivos à pesquisa, que, todavia, sempre ocorreu com os mais humildes deles, no final os interlocutores mais

---

<sup>6</sup> FORTUNA, Carlos. “As Cidades e as Identidades. Narrativas, Patrimônios e Memórias”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, ANPOCS, n° 33, ano 12, fev. 1997, p. 126/42.

participativos e com quem pude elaborar algum conhecimento sobre o que fora o passado mais remoto e o recente desses espaços campineiros.

Quero destacar que a capacidade de relembrar dos informantes passou sempre por rigoroso processo seletivo por parte deles, conforme as situações vivenciadas, vindo à tona apenas ou ocorrências muito desagradáveis (caso, por exemplo, do sofrimento físico/moral aos seus ancestrais e do racismo até hoje por eles vivenciado) *ou*, às prazerosas festividades ocorridas em situações coletivas, caso das procissões e quermesses ocorridas nos dias dos santos padroeiros dos bairros: Ponte Preta (Santo Antônio) e Vila Marieta (Santa Teresinha), além dos futebolísticos. Se as festividades religiosas antes eram de rotina, especialmente no bairro Ponte Preta, hoje são raríssimas. Todavia, apesar do futebol de rua e/ou nos campinhos não mais existir, a Associação Atlético Ponte Preta (clube da quase totalidade dos entrevistados) está lá para garantir o pouco de lazer que possuem.

Sendo justamente a idéia de tempo que a tudo permeia que faz alterar a vida de todos com a mesma rapidez com que se reproduz a cidade, constatei que nesses locais não apenas as festas públicas praticamente desapareceram, como também as brincadeiras infantis nas ruas, hoje são inexistentes, as praças foram transformadas em concretos... tudo a contribuir, portanto, para que a população negra mais antiga e pobre fosse perdendo suas próprias referências, sem se falar do deslocamento da mesma para outras periferias da cidade como um reflexo das transformações econômicas e do próprio crescimento espacial da cidade.

Advinda especialmente da segregação econômica associada à social, não pude constatar também uma homogeneidade cultural entre a comunidade negra pesquisada. O constatado foi que a lembrança das tradições praticamente desapareceram e que as experiências de vida perderam seu valor.

Não há por parte desses poucos remanescentes moradores negros da Ponte Preta e Vila Marieta, bem assim dos brancos que foram chegando ao longo do tempo, lembrança muito marcante sobre a origem dos bairros, a não ser, pelo que ouviram dizer, dos maus tratos dados aos escravos pelos donos das antigas fazendas, de poucas estórias de assombração, dos campinhos de futebol, do culto às almas (realizado ainda todas as segundas-feiras defronte ao Cruzeiro do Cemitério mais

antigo da cidade - o da Saudade) e de algumas brincadeiras infantis se bem que raras (especialmente jogar bola, pega-pega, cantigas de roda e amarelinha).

Constatei, outrossim, que os loteamentos da Vila Marieta foram traçados praticamente quase todos em pequenas quadras: há hoje lá bairro com apenas duas ruas. É também quase unânime entre os moradores da Ponte Preta chamarem a tudo de Ponte Preta. A exceção é para após o Cemitério que ainda é chamado como antanho: Palheiro e Palheirão. Apenas mais para leste deste bairro é que consideram Vila Marieta. Só um dos entrevistados explicou o porquê dessa generalização: por muito tempo tudo pertenceu ao Sub-Distrito da Vila Industrial e só quando da constituição do bairro Ponte Preta (ele já estava praticamente formado desde 1870, mas, só apareceu na Planta da cidade, com essa nomenclatura, a partir de 1900) é que ele foi sendo conhecido por esse nome. Explica a tradição oral, e é o que hoje os moradores desse bairro repetem que, pelo fato de haver uma velha ponte por onde passava a ferrovia, pintada de preto, é que o bairro foi assim batizado.

Já a Vila Marieta foi se tomando mais conhecida quando passou a ser o caminho (a partir dos anos 30) para a primitiva rodovia que ligava Campinas a São Paulo: a Rodovia Anhanguera, foi inaugurada somente em 1948, época que coincidiu com a chegada de grande leva de migrantes atraídos pela instalação de várias indústrias em Campinas e região<sup>7</sup>.

Há de se salientar, contudo, que casos de violência e assaltos eram raríssimos e que seus moradores se sentiam seguros em viver em tais espaços, onde podiam passear pelas ruas até meia-noite ou mais e as crianças brincavam no mato sem nada lhes acontecer. Portanto, era a rua o espaço comum e de integração de todos.

Convém lembrar que a partir da década dos anos 1970, quando foi consolidado o processo de industrialização no Município, a expansão urbana da cidade apresentou grande dinamismo, enorme movimento de horizontalização e periferização, o que provocou o aumento dos *vazios*

---

<sup>7)</sup> Sobre o assunto consultar, especialmente: BAENINGER, Rosana. *Espaço e Tempo em Campinas*. Campinas, CMU/UNICAMP, 1996, p. 44/54 (Col. Campiniana, 5).

que entrecortavam a malha urbana e que acabaram por oferecer oportunidades cada vez mais amplas à valorização/especulação imobiliária que passou a dominar a dinâmica urbana<sup>8</sup>.

Foi também nesse momento que a população negra, cada vez mais expurgada para as periferias da cidade e pouco preparada para discutir o assunto, apesar de existir uma pequena parcela dela apresentando certo desempenho através do Movimento Jovem (se bem que muito dividido), principiou toda uma movimentação para que tal situação fosse revertida. O resultado foi negativo.

Constatei ainda ao longo da pesquisa que a metropolização desordenada, o crescente processo de conurbação, o vertiginoso crescimento demográfico ocorrido na esteira da industrialização, a ausência de um planejamento urbano adequado, a favelização cada dia maior de sua população periférica, foram alguns dos fatores que, a partir dos anos 1970, transformaram radicalmente a cidade-modelo em polo regional com grande concentração de problemas urbanos que ora está a merecer urgente política de planejamento, desenvolvimento e mobilização social.

Nessa conjuntura não foi difícil entender o porquê da crença no desvalor do negro de si próprio, fazendo com que a herança dos maus tratos desde a escravidão lhe estejam muito vivas e acabem por confundir a lenta ou quase nenhuma ascensão social com supostas causas de incapacidade natural, como uma memória distorcida, porém, vivenciada, que ouvi de múltiplas vozes dos remanescentes negros desses bairros<sup>9</sup>.

---

<sup>(8)</sup> Seria de interesse para o aprofundamento do estudo sobre a expansão urbana da cidade que fosse analisado, como fiz, embora aqui não fosse o caso de ser comentado, o *Diagnóstico Municipal*. SEPLAN/PMC, 1983.

<sup>(9)</sup> Basta atentar à variedade de expressões e ditos populares depreciativos alusivos ao negro, geralmente acolhidos com *deleite social e não com indignação*. Tudo que é mau lhe é associado: ser pobre, analfabeto, mal cheiroso, falso, ladrão... Só para recordar alguns:

- Quando preto voa?  
Quando cai da construção.
- Quando preto anda de carro?  
Quando vai preso.
- Por que preto não erra?  
Porque errar é humano.

Aliás, o racismo pareceu-me tão implícito nas concepções das relações sociais que alguns dos depoentes não chegaram a se perceber racistas, e muitos deles não escaparam à assimilação de sentimentos contrários à raça negra. No caso campineiro, não querendo generalizar, o próprio conceito de *etnia*, hoje tão em voga, procurando substituir o de raça, não escapou também de complexidade e ambigüidade. Daí a necessidade dessa idéia de etnia ser articulada, por exemplo, com a noção de identidade, construída com base na atribuição de significados a determinados tipos de pessoas.

Outrossim, observei que o desemprego e o subemprego são maiores entre os negros que entre os brancos, sendo que os primeiros geralmente conseguem trabalho de pouco prestígio social, ocupando, grosso modo, as mais baixas posições na sociedade.

Campinas não é uma exceção na conjuntura nacional: o esporte e a música são considerados pelo moradores dos bairros estudados como verdadeiros *trampolins* para a ascensão social do negro, tentando com isso demonstrar que o racismo não existe. Na verdade, significam *brechas* permitidas pela sociedade a fim de camuflar a situação... E, no entanto, ao entrevistar, entre outros, um ex-jogador de futebol, ex-passista e baliza de uma das mais importantes escolas de samba de Campinas nos idos dos anos 60/70, constatei que continua morando em casa extremamente simples, suas vestes são pobres e a ocupação atual está voltada à serviços comunitários na paróquia do bairro onde reside.

Fotografias para mostrar e poder melhor vivenciar seus momentos de glória e felicidade? Nem pensar, pois não existem... Aliás, todos os negros desses bairros (e diga-se de passagem até mesmo os brancos pobres que lá residem desde os anos 1930/40), não as tem, tendo afirmado que não as possuem por serem muitos caras.

Outro aspecto significativo a assinalar foi o caso, encontrado em pequeno número nas entrevistas realizadas, de negro casado com branco. No casal ouvido, juntos há trinta e oito anos, relataram os sérios problemas enfrentados, a começar pela mãe da Senhora que, só agora, aos oitenta e três anos parece haver compreendido a situação. Isso deixa evidente a presença da decantada democracia racial! ...

De igual maneira as relações desiguais presentes nessa sociedade ocupam também o ambiente escolar, sendo que o preconceito

e as discriminações raciais podem ser notados principalmente nas relações pessoais. Por isso acreditar (pelo menos nesses bairros) que ainda a estrutura escolar oficial não está suficientemente preparada para lidar com esse tipo de problema; é ainda mais preocupada com a informação do que com a formação do cidadão.

Constatei também que a rejeição do mundo branco se estende ao mulato, embora acenando para ele com melhores chances de ascensão social. Tudo leva a crer que os problemas do negro e do mulato são os mesmos; as proporções é que são diferentes. Para o primeiro, menos sutileza nas manifestações preconceituosas e, para o segundo, tratamento diferenciado com maior delicadeza! E o pior é que o próprio negro mais velho parece continuar não querendo assumir sua negritude, pois, muitos deles embora tenham prestado seu depoimento dizendo haver racismo, acabam por incorporar subconscientemente o *mito da democracia racial* e a perseguir o ideal da branquitude<sup>10</sup>, por meio da incorporação de valores e comportamentos que negam a existência do racismo. Em outras palavras, *a questão é de identidade étnica, de princípios e de objetivos, uma questão política mesmo no sentido mais amplo das relações humanas que não estão sendo reconhecidas e assumidas.*

O lamentável, constatado também durante a pesquisa, é que a discussão de conceitos como raça, etnia, cor, classe social e outros

---

<sup>(10)</sup> É bom lembrar que o racismo em Campinas, principalmente a partir da *República Velha*, foi justificado pela ideologia do branqueamento, embora, à essa época, houvesse a luta de negros para que a sociedade os aceitasse como eram. Tal problemática na cidade acompanhou seu crescimento, centrou sua tônica no despotismo, no preconceito, no fanatismo... raízes biológicas e culturais da intolerância. Essa é a parte desastrosa de sua história: a cidade permaneceu sob bases materiais e sociais da dominação burguesa, vivendo numa sociedade dualizada, perdida já na violência cotidiana e onde as relações de poder se escondiam por trás de aparentes fluxos naturais de bens e serviços. Daí o significado da releitura do projeto desenvolvimentista da cidade, sustentado entre os anos 1950/80, porque no período houve nítida in(pre)tenção de reduzir a distância entre a elite capitalista e o restante do mundo (!!!), o que, realmente, não ocorreu. Tal distância foi camuflada pela *desculpa então chamada de crise no mundo capitalista*. Por isso acreditar na oportunidade da (re)análise do estudo efetuado por ARRIGHI, Giovanni. *A ilusão do desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes, 1998 (Col. Zero à Esquerda), para melhor compreender as vicissitudes pelas quais passam, grosso modo, principalmente, as cidades brasileiras de grande porte, como é o caso de Campinas.

similares, implicaria em conhecimentos/vivências que a população negra desses bairros ainda não adquiriu, pois, o tempo dela é carente e praticamente apenas dedicado à sobrevivência com um trabalho que no mais das vezes não lhe garante um salário digno. É, todavia, já consciente da dificuldade de conseguir melhor emprego, da continuidade da repressão policial e da rejeição social. No entanto, esse cotidiano lhe fica apenas ao nível da constatação.

Observei ainda que a desunião dos grupos negros, a distância entre a massa negra e os militantes, resultado de uma diferença do nível de escolaridade além da dificuldade de estabelecer uma estratégia de conscientização entre eles para o combate ao racismo, são apenas alguns dos pontos que posso apontar e que têm, como pano de fundo, a *persistência do mito da democracia racial* e de uma *memória distorcida*.

Daí o significado da presente pesquisa, não só por ser experiência pioneira na cidade, mas também pelo fato de considerar o espaço vivo como o local privilegiado para o exercício da cidadania. Parece evidente que, para os indivíduos sensíveis à causa negra se conscientizarem do papel que têm a desempenhar no combate ao preconceito/discriminação racial que ainda sobrevive, é emergencial a formação de uma identidade própria que possibilite ao negro assumir sua negritude.

Analisar e trabalhar tal questão exige muita pesquisa e reflexão, justamente por ser complexa e polêmica, na medida em que se lida com conceitos contraditórios, com dados e situações ambíguas e que, de repente, nos fogem das mãos. Somente trabalhando com a população é que se poderá refletir sobre os males sociais da cidade e dos bairros em particular, analisando as sutilezas que teimam em mascarar seus sintomas e as possíveis formas de combatê-las.

Apesar das dificuldades e talvez sobretudo por elas, é que se torna possível olhar a cidade como um caleidoscópio, cujos componentes, combinados de formas as mais diversas, possibilitam diferentes leituras e interpretações do fenômeno urbano, o que me faz sempre repetir Le Goff<sup>11</sup> quando afirma *não crer que a cidade perdeu seus atrativos; antes, deverá sempre conceber muitos encantos para sempre poder renovar sua sedução*.

---

(11) LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo, EDUNESP, 1998, p. 153.

Advém daí principalmente a preocupação, e cada vez estou mais cônica disso, que nada está acabado no fazer historiográfico. Quando menciono que foram finalizados os dois espaços tidos como negros de Campinas (Ponte Preta e Vila Marieta) estou me referindo a *finalizado* apenas no sentido de que, para esse momento, foi o que de mais expressivo pude analisar. Mas, muito, muito mais, sem dúvida, resta ainda a ser trabalhado, sobretudo ao considerar que na continuidade do tempo as figuras físicas passam não apenas o significado de suas idéias, das maneiras de ser de cada um e da própria coletividade, o que acaba por constituir, em verdade, o legado de todo processo histórico.

